MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2002 nº 228

O Jongo em Guaratinguetá

Jongo, "jongada" ou "roda de jongo", como alguns preferem dizer, "é uma espécie de samba nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Sua coreografia difere entre as localidades. De origem africana, o Jongo mantém para seus grandes bailadores a fama de feiticeiros, sabedores de segredos mirabolantes e de poderes mágicos. O Jongo, é cantado por um ou mais solistas, e respondido o refrão pelo coro", segundo nos ensina Rossini Tavares de Lima, em "Abecê do Folclore".

Na região do Vale do Paraíba, o Jongo ainda é encontrado em Guaratinguetá, Cunha São Luiz do Paraitinga, Taubaté, Piquete e outras cidades, principalmente por ocasião das festas da Abolição, de São Benedito, do Divino e Juninas. Dele participam homens e mulheres.



Em 1960, a ilustre folclorista Maria de Lourdes Borges Ribeiro, de Aparecida, ganhou o 1º Prêmio do Concurso de Monografias sobre o Folclore Nacional, com o tema **O Jongo**.

Sua monografia, ilustrada por Oswald de Andrade Filho é hoje obra esgotada e rara. Registra preciosidades sobre essa dança na região do Vale do Paraíba, pois pesquisou velhos jongueiros, vindos da época da escravidão e da tradição banto.

Nesta pesquisa estão várias informações sobre o Jongo como a dança, quem dança, a fogueira e os terreiros do Jongo, o instrumental usado, o ponto e seu simbolismo, a macumba e o Jongo, a magia, a coreografia e sua pauta musical.

Há várias histórias sobre como nasceu o Jongo, origem assim explicada pelos antigos jongueiros:

> "O Senhor e o Deus Menino andavam perseguidos pelo Diabo. Fugiam apavorados quando encontraram um grupo de negros dançando o Jongo. A convite dos negros eles se esconderam no meio da roda e por arte dos feiticeiros a roda se fechou de tal modo que o diabo passou e não viu os fugitivos. O Senhor e o Deus Menino puderam assim prosseguir a viagem. Antes, porém, abençoaram o Jongo, dizendo que essa dança daí para a frente seria uma dança sagrada".

O **ponto**, em torno do qual gira a dança, tem linguagem cifrada, em versos cantados. Permitia aos escravos se comunicarem sem serem compreendidos pelos brancos – que por isso temiam a "jongada". Essas mensagens articulavam fugas e levantes, transmitindo novidades e informações. Por isso, o Jongo é associado à resistência contra a opressão extrema a que o escravo estava submetido. As principais categorias de **pontos** são os de louvação (saudação aos vivos e mortos), os de visaria (situações cotidianas) e os de demanda ou goromenta (desafio

poético-mágico), estes atualmente em desuso. Contam os atuais participantes que velhos jongueiros, ao morrer, levaram para Aruanda (África) o segredo dos pontos primitivos, cuja força fazia crescer bananeiras nos terreiros, no correr de uma noite, ou abalar os jongueiros e assistentes menos preparados. Segundo Lourdes Borges "o Jongo é assim mesmo. Um ponto cuja decifração nos escapa", como este registrado em Guaratinguetá:

Eu vô me vesti de branco
como a garça se vestiu
eu não posso ser ingrato
pra quem tanto me serviu

Quem decifrar o ponto logo grita **"Cachoeira!"**. Em seguida, desafia o parceiro com um novo ponto a ser decifrado.

Como **instrumental** há em geral dois tambores: o tambu (grande) e o candongueiro (pequeno). Usam também guaiás (chocalhos) e uma puita ou cuíca.

O Jongo se dança à noite, em terreiros e quintais, à luz de fogueiras.

Com o fim da noite extingui-se o Jongo. A claridade da manhã dissolve a roda. Cessa a magia. A vida recomeça.

Lourdes Borges conclui sua monografia sobre o Jongo, informando que "a tendência do Jongo será perder o caráter esotérico e tornar-se uma dança de simples divertimento".

Passados 40 anos dessa análise, no ano 2000, o Jongo de Guaratinguetá, foi registrado no **bairro Tamandaré**, em fotografias e em vídeo, sob o título "Feiticeiros da Palavra", dirigido por Rubens Xavier e Paulo Dias, realizado pelo Núcleo de Documentários da TV Cultura em parceria com a Associação Cultural Cachueira! As fotografias, de Cláudio

Spinola foram feitas em um estúdio improvisado na varanda de uma antiga fazenda cafeeira da região. Na ocasião, os jongueiros estavam vestidos à caráter para uma filmagem de reconstituição de época, no século XIX. Quanto à dança, realizada no bairro Tamandaré, no início deste século XXI, "é feita por um casal que evolui no meio da roda, com um giro terminando em miaço (ameaça) de umbigada", à moda do Jongo carioca, registrado em desenho por Oswald de Andrade Filho.

Os jongueiros de Guaratinguetá, em sua maioria são descendentes de escravos da região, mantendo a tradição de sua dança durante as festas juninas, junto à fogueira.

Neste ano de 2002, o **Jongo da Tamandaré** também fez sua apresentação na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, ao lado da Exposição das fotografias de Cláudio Spinola, na manhã do dia 18 de maio, no encerramento da Semana da Cultura Negra, juntamente com um Jongo vindo de São Paulo e que se intitula **Cachueira**!

Thereza Regina de Camargo Maia

Bibliografia

- LIMA, Rossini Tavares de – *Abecê do Folclore*. Ricordi. São Paulo. 5ª ed. 1972.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges – *O Jongo*. Ilustrações de Oswald de Andrade Filho. Separata da Revista do Arquivo nº CLXXIII. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão do Arquivo Histórico. 1960.

Nota: Desenho – Jongo, de Oswald de Andrade Filho, no livro O Jongo de Maria de Lourdes Borges Ribeiro.